

AS CONFRARIAS DE N. S. DO ROSÁRIO COMO REAÇÃO CONTRA-ACULTURATIVA DOS NEGROS NO BRASIL

Veríssimo de Melo, autor de *Xarias e Canguleiros*

Introdução

As irmandades de N. S. do Rosário dos Pretos, de São Benedito, de Santa Efigênia, de S. Domingos de Gusmão, do Parto e outras constituíam, no passado, o fulcro de uma das mais importantes posições de resistência e defesa dos negros contra a escravidão no Brasil.

Sabe-se das várias formas de reações contra-aculturativas dos negros. Algumas violentas, ruidosas, como as rebeliões de negros muçulmanos na Bahia, os quilombos, os crimes. E outras silenciosas, mais de fundo psicológico, como o *banzo*, os suicídios, as fugas ou refúgios nas religiões. As irmandades de N. S. do Rosário podem ser consideradas sob o segundo aspecto, pois de outra forma não se pode entender o interesse dos negros por uma religião, a católica, — totalmente estranha às suas crenças primitivas.

Nina Rodrigues, em mais de um momento no seu livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, chamou a atenção para o fato surpreendente: "... conversão religião (dos pretos) não fez mais do que justapor as exterioridades muito mal compreendidas do culto católico às suas crenças e práticas fetichistas, que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou orixás e os santos católicos como de categoria igual, embora perfeitamente distintos. Abridados na ignorância geral da língua que eles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os africanos escravizados se declaravam e aparentavam convertidos ao catolicismo, as práticas fetichistas puderam manter-se entre eles até hoje quase tão extremes de mescla como na África". Entenda-se que o ingresso nas irmandades católicas era mais uma *posição* do que uma conversão.

Também Arthur Ramos acentuou: "Essas associações originaram-se do regime da escravidão. Foi um esforço coletivo que fizeram os negros, de reação ao regime que os oprimia. Reação na confraria religiosa, à busca de um consolo ou derivação espiritual. Reação, no grupo de jogo, nas festas cíclicas das congadas. Reação econômica, com a criação das caixas de alforria".

O estudo dessas irmandades, por outro lado, esclarece e justifica a origem de várias instituições negras, como a solenidade de coroação de reis e rainhas, autos e festejos populares como os Congos, Taieiras, Cucumbis, Caboclinhos, Reisados, Maracatus, pois todos esses elementos estavam diretamente vinculados às confrarias.

Houve quem visse nessas irmandades sobretudo as tendências totêmicas dos negros, na reunião de grupos de parentesco ou clãs visando um mesmo objetivo. Cremos que o aspecto de defesa e resistência contra os opressores, no momento da escravidão, era bem mais amplo e poderoso, congregando negros de todas as procedências, bantos e sudaneses, em torno de motivação comum.

Destaque-se ainda nessas irmandades, camufladas em festas barulhentas e coloridas, o sincretismo altamente inteligente dos negros. À sombra da devoção católica, como a de N. S. do Rosário, das mais antigas, os negros confraternizavam, adoravam seus ídolos nativos, promoviam festas públicas e se quotizavam para alforriar companheiros mais credenciados, tudo sob as vistas cegas dos senhores feudais. O caso de Chico Rei, o primeiro líder negro do Brasil, é significativo, alforriando todos os elementos pertencentes à sua tribo, em Vila Rica e depois em Ouro Preto.

No Nordeste brasileiro, como de resto em várias cidades da Federação, muitas dessas irmandades sobrevivem, embora apresentando interesse apenas histórico e lúdico. Desgarrados de seu antigo contexto, também sobrevivem autos e festejos folclóricos de essência mais religiosa do que profana, inclusive presentes hoje nos cordões carnavalescos, tudo ligado à coroação anual de reis e rainhas negros.

Neste ensaio, desejamos fixar dois elementos relacionados às irmandades religiosas dos pretos no Rio Grande do Norte, de incontestável relevância histórica e antropológica: os estatutos de fundação da Irmandade de N. S. do Rosário do Caicó, documento de 1773, recolhido pelo Bispo D. José Adelino Dantas; e o resumo da festa de coroação de reis negros em Jardim do Seridó, tal qual a assistimos em dezembro do ano de 1963.

AS CONFRARIAS DE N. S. DO ROSÁRIO

A devoção de N. S. do Rosário parece ter sido a de maior aceitação popular entre os negros no Brasil. E isto se justifica, até certo ponto, pelo fato da devoção ter sido introduzida já na África, pelos colonizadores portugueses.

No nosso País, sobretudo do séc. XVIII em diante, proliferaram essas confrarias ao lado de outras semelhantes. Há

depoimentos inumeráveis nesse sentido, como o de Henry Koster, o viajante inglês que veio ao Nordeste em 1809 à procura de melhores ares e nos deu precioso quadro da realidade brasileira de então. Ele chegou a ver uma imagem de N. S. do Rosário “pintada de preto”.

Outros estudiosos, como Vieira Fazenda, no Rio de Janeiro, e Pereira da Costa, em Pernambuco, aludiram à mesma irmandade, acrescentando este último que a bandeira de N. S. do Rosário, como a que houve em Olinda em 1815, saía à rua “com toques de instrumentos, zabumbas, clarinetes e fogos do ar”. Mais modernamente, autores como Mello Moraes Filho e Sílvio Romero em Sergipe; Rodrigues de Carvalho e Gilberto Freyre, no Recife; Alceu Maynard Araújo e Ruth Guimarães em São Paulo; Arthur Ramos e Édison Carneiro na Bahia; Luís da Câmara Cascudo, Juvenal Lamartine e D. José Adelino Dantas no Rio Grande do Norte, também documentaram aspectos desses centros de religiosidade negra.

Na verdade, além de sua aparente significação católica, N. S. do Rosário seria para os negros transposição do ídolo de sua religião primitiva. Talvez Iemanjá, para os sudaneses, principalmente. Ou a *boneca*, para os bantos, ídolo que sobrevive nos maracatus. Não podendo adorar seus deuses publicamente, — porque os senhores de engenho não permitiam o culto fetichista, — os escravos se filiavam às irmandades católicas, onde podiam, tranqüilamente, pelo processo que mais tarde se chamaria de *sincretismo*, — adorar nos santos da igreja católica romana os seus ídolos africanos.

As cerimônias de coroação anual de reis e rainhas negros estavam diretamente relacionadas a essas confrarias. Era diante da igreja, no pátio principal, que se realizavam as solenidades, seguidas de danças ao som de zabumbas e pífaros e prolongando-se em cortejo real, pelas ruas, com seus embaixadores, príncipes e funcionários. Vários autos populares como os Congos, Taieiras, Reisados, Cucumbis, Maracatus nada mais são do que sobrevivências dessas festas ao mesmo tempo religiosas e profanas. Com a abolição da escravatura, muitos negros permaneceram ligados à devoção do Rosário, enquanto as solenidades de coroação de reis negros foram rareando no País, esfacelando-se em festejos relacionados ao ciclo natalino ou ao carnaval, num processo também de adaptação às festas de procedência lusitana ou indígena.

A IRMANDADE DO ROSÁRIO DO CAICÓ

No Rio Grande do Norte houve e ainda há irmandades de N. S. do Rosário. Na própria Capital ainda existe a igreja

do Rosário, embora a irmandade já tenha sido extinta. Há vinte anos passados, nas procissões, lá estavam os negros e mulatos da Irmandade de São João, com sede naquela igreja, remanescente talvez da confraria do Rosário, com suas opas brancas e gola vermelha.

Pelo Interior do Estado, sabe-se da existência de várias confrarias dessa devoção, como a do Caicó e a de Jardim do Seridó.

Deve-se a um historiador ilustre, D. José Adelino Dantas, hoje bispo de Rui Barbosa, na Bahia, — ter salvo do esquecimento e das traças e divulgado em seu livro *Homens e Fatos do Seridó Antigo*, (Garanhuns, 1961), os Estatutos da Irmandade do Rosário do Caicó, de 1773. É documento do maior interesse histórico e antropológico e que merece divulgação entre os estudiosos no Brasil.

A reunião de fundação da Irmandade do Rosário da Freguesia de Santana do Seridó teve lugar no dia 16 de junho de 1771. A solene assembléia realizou-se no consistório da matriz de Santana, de tudo lavrando-se ata competente. Consta do documento os nomes das Altezas Reais Sebastião Pereira, Rei dos Congos; Maria José Neves, Rainha dos Congos; Afonso Ribeiro, Juiz; Luiza Gomes, Juíza; José Mendes, Escrivão; e Maria Tereza, Escrivã. Outros dezesseis nomes constam da ata. O último é o do sargento-mor Manoel Gonçalves Melo, “poderoso senhor do Sabugi”, a quem entregaram a tesouraria. Veremos, adiante, que era costume entregar a tesouraria a um homem branco, tradição que continua em nossos dias, em Jardim do Seridó.

A assembléia aprovou, por unanimidade, o texto do que se chamaria *Constituições* da Irmandade. Dividiu-se em dezesseis capítulos. Acompanhemos a enunciação de alguns capítulos, conforme registrou o eminente Bispo D. José Adelino Dantas.

Cap. I — “Servirão nesta Irmandade todos os homens e mulheres pretos, moradores desta Freguesia da Senhora Santa Ana, quer sejam forros, quer cativos e pagarão cada um de sua entrada duas patacas e de anual uma pataca”.

Cap. V — “O tesoureiro desta Irmandade deve ser um homem branco e potentado, temente a Deus e de sã consciência”.

O Cap. VI fixava a festa do Rosário para Dia de Ano, oitava do Natal, — conforme ainda se comemora em Jardim do Seridó, há quase dois séculos.

O Rei e a Rainha pagavam as contribuições mais altas: seis mil réis, cada um; Juiz, quatro mil réis; escrivão, dois mil

réis; e os demais dez tostões, cada um. Estavam dispensados de pagamentos apenas o Tesoureiro e o Procurador, "atendendo o trabalho que necessariamente hão de ter no exercício deles, que deve ser eficaz e muito exato".

Já o capítulo undécimo determinava que se mandasse dizer, anualmente, uma capela de missas pelos irmãos vivos e defuntos, pela esmola de doze vinténs cada missa, e pela alma de cada irmão falecido, uma missa de corpo presente, pela espórtula de uma pataca.

O capítulo décimo quarto trata do cofre da irmandade. Estabelece-se aí que esse cofre será de pau amarelo, munido de três fechaduras com três chaves diferentes uma da outra, sob a responsabilidade do Tesoureiro, do Escrivão e do Juiz. Destinava-se aos dinheiros e peças preciosas da confraria. Devia ser guardado no consistório da matriz, "em lugar secreto e separado", ou excepcionalmente na residência do tesoureiro.

O cap. XV indicava a obrigação dos irmãos construir um altar de N. S. do Rosário na matriz de Santana, para rezar o terço todos os domingos e dias santos. Impunha-se ainda a obrigação de, uma vez por semana, ser rezado o terço pelas ruas da povoação.

Curioso o Cap. XVII, que trata das relações do Vigário com a Irmandade. Observe-se: "Não consentirão os Irmãos da Mesa que o seu Reverendo Pároco ou sacerdote de sua comissão presida ou assista às eleições, ou outro acordo algum sobre as ações desta Irmandade, por ser de jurisdição leiga. Querendo o Reverendo Pároco ou seu comissário contrapor e teimar na referida assinatura, recorrerão ao Provedor das Capelas, para os prover de remédios, a fim de se não preterirem os atos e ações da Irmandade".

Este capítulo teria, sem dúvida, uma intenção velada. Afastava a influência e a presença do Vigário nas eleições e outras reuniões de caráter secreto da mesa diretora da confraria. Sabe-se, entretanto, que a idéia não vingou. D. José Adelino Dantas comentou: "A autoridade competente, entretanto, não referendou o texto, e a posterior declaração régia ordenou que as eleições do Juiz e dos demais Irmãos da Mesa se realizassem na presença e com a intervenção do vigário".

Complicado era o processo burocrático de aprovação dessas Constituições, que deveriam seguir a Lisboa e subir à sanção real. Assim ocorreu com a Constituição da Irmandade do Rosário do Caicó, que foi enviada a Portugal para receber o selo da Real Mesa da Consciência e da Ordem, no dia 9 de fevereiro de 1772, pagando-se a taxa de mil seiscientos e trinta réis. Aos 7 de março do mesmo ano, o documento subiu à sanção real, recebendo as atenções augustas de D.

José I, por graça de Deus "Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, Senhor da Guiné, Governador e Perpétuo Administrador do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo". Somente em fins de 1773 foi convocada, no Caicó, a assembléia da Irmandade para tomar conhecimento do assunto. Foi a 27 de dezembro daquele ano, sob a presidência do cura José Inácio Xavier Correia, que os irmãos se reuniram para ouvir a leitura da publicação da Confirmação Régia. Foi lavrada ata competente, pondo aí seus rubricas quarenta e três pessoas, "das quais, — comenta D. José Adelino Dantas, — apenas quatro sabiam ler e escrever..."

Refere ainda o ilustre historiador que se lançaram no documento "uma floresta de cruces", inclusive as do Rei e da Rainha, conforme informou o secretário *ad hoc*.

De 1773 até hoje, a Irmandade de N. S. do Rosário do Caicó ainda sobrevive, apesar dos bons e maus tempos que tem atravessado. No dia de sua padroeira. — conclui D. Adelino Dantas, — a irmandade "acorda a velha Cidade do Príncipe com seus nifanos e tambores, ampliando no tempo as inapagáveis tradições de outrora".

No dias atuais, entretanto, devemos observar essas confrarias apenas como sobrevivências daquelas que funcionaram no passado, cujas raízes remontam à escravidão. E nesse sentido é curioso identificar tracos de antigas instituições de fé religiosa, tanto coteiando com o que sabemos no passado quanto em relação às devocões de hoje.

Ao assistirmos à festa de N. S. do Rosário dos pretos, em Jardim do Seridó, em fins de 1963 e começos de 1964, verificamos que tudo se nos apresenta de forma bastante fragmentária. Expressões que pareciam, de início, incompreensíveis. — "irmão de mesa", por exemplo, — têm a sua plena justificação. Os negros de Jardim do Seridó empregam expressões sem saber o que significa, mas é claro que aludem aos que integram a mesa da confraria, espécie de órgão dirigente.

Características da Festa

A festa de N. S. do Rosário, em Jardim do Seridó (RGN), inicia-se no dia 30 de dezembro de cada ano, com alvorada dos grupos de negros de Boa Vista e de Jardim. Nas ruas, ouvimos, então, pela primeira vez, sons de nifaros entoando melodia bastante primitiva, acompanhada por dois tambores. À frente, iam dançando o norte-bandeira e quatro outros negros, conduzindo bastões de madeira, espécie de lança enfeitada de fitas na extremidade superior.

Os grupos percorriam quase todas as ruas principais, só parando para tomar uma dose de aguardente. Pelas onze horas, fomos fazer uma visita ao grupo de Boa Vista, na Casa da Irmandade.

Informaram-nos aí que essa é quase centenária. “É do tempo do cativo”, — nos disse um velho. O Rei Perpétuo, homem de oitenta e um anos, na época, acrescentou que na construção daquela casa tinha “um boi do pai dele”. Na calçada, tivemos o primeiro contato com o grupo. É preciso esclarecer, desde logo, que há um grupo local, de Jardim do Seridó, um outro de Boa Vista. — povoação que atualmente pertence ao município de Parelhas. — e um terceiro do Caicó, que excepcionalmente vinha participar da festa.

De todos os grupos, o mais impressionante era o dos negros de Boa Vista. Altos, corpulentos, uns até muito parecidos com os outros. Sabe-se que eles casam dentro do grupo (endogamia), dedicando-se à agricultura e criação. Mas não tivemos informação de casos de anomalias entre eles, em consequência da endogamia.

Integram ainda o grupo de Boa Vista, além dos músicos, — um píforo e duas caixas, — quatro pontões ou jogadores de lancas, um porta-bandeira, os quais acompanham o cortejo do Rei Perpétuo, seguido do Rei e Rainha do Ano, Juiz e Juíza, Escrivão e “Escrivoa”. Um informante adiantou que eles (os de Boa Vista) também têm um Rei Perpétuo. A função desse rei (que eles chamam de *Reis Prepeto*) é substituir o Rei do Ano, em caso de doença ou qualquer outro impedimento. O Rei Perpétuo de Jardim do Seridó, na época, era Marcelino Dantas, tendo assumido o cargo em 1910. (Relembre-se que Mello Moraes Filho, descrevendo a procissão de S. Benedito no Lagarto, Sergipe, fala-nos de duas alas de Congos, que disputavam a coroa da rainha principal, a quem chamavam de *Rainha Perpétua*). Ainda acompanhava o grupo de Boa Vista, embora trajando normalmente, o presidente e o tesoureiro.

Todos são tratados por “irmãos”, havendo, porém distinção entre “irmãos de opa” ou de caderneta, que pagam cinco mil réis por ano (por lá ainda não se falava em cruzeiros), e os “irmãos de mesa”, que pagam dez mil réis. Os outros elementos que acompanhavam o Rei e a Rainha, juiz, presidente, tesoureiro, todos pagavam vinte mil réis.

A importância do tesoureiro, na confraria, já foi assinalada. O costume centenário de oferecer o cargo de tesoureiro a um homem branco continua em Jardim do Seridó. Achem mesmo os negros que o branco é mais hábil e inteligente na missão de arrecadar e aplicar o dinheiro. Na época,

o tesoureiro era o Sr. Severino Elias Barca, cidadão branco, de 69 anos.

Indagamos se brancos poderiam ser *irmãos*, ao que nos respondeu o presidente, Martins Fernandes Vieira:

— Todos podem ser irmãos. Mas, “irmãos de mesa” só pode ser *pretinho*. Porque sempre foi assim e não se pode mudar.

O Rei Perpétuo acrescentou, que antigamente, os senhores soltavam os negros escravos durante dois dias, “pro mode brincar à vontade na festa do Rosário”.

Outro informante declarou:

— Todo branco pode entrar na irmandade, porque todos precisam do Rosário. Pra brincar na sociedade, não. Só *pretinho*.

Perguntamos se uma moça branca podia ser rainha, ao que nos informou José Marcelino Dantas:

— Pode, aprontando uma negrinha e pedindo a ela, pelo amor de Deus, para fazer “as vez” dela na procissão. Adiantou: “O negócio é meio sério”.

Nisso, — acreditamos, — não havia manifestação de racismo. É a tradição que manda e os negros a obedecem, cegamente.

Não há trajes especiais para os músicos, pontões, presidente, etc. Na ocasião, os negros e mulatos vestiam camisa vermelha e detalhes brancos nas mangas e ombros. Usavam chapéus de feltro comum, estando alguns descalços. O Rei Perpétuo, durante o cortejo, assim como o juiz e o escrivão, usavam sobre o paletó a fita azul da Irmandade.

As músicas tocadas pelo pífano (eles chamam “pifa”), com acompanhamento das caixas ou zabumbas, chamam-se “Baionada”, “Catingueira”, “Palmerinha” e “Piauí”. São melodias vivas e alegres. Próprias da festa ou do grupo de Boa Vista, pois nada ouvimos semelhante noutros folguedos no Estado. Interessante é que os negros não cantam nenhuma melodia. Tocam e dançam apenas, improvisando passos, ginguando.

A Coroação

No dia 31 de dezembro de 1963, à tarde, houve o encontro dos três grupos de negros e mulatos de Jardim do Seridó, Boa Vista e Caicó, no centro da Praça José Augusto, ao lado da igreja matriz. Os dois primeiros grupos saíram da casa do tesoureiro, do lado oeste da cidade. O grupo de Jardim saiu do lado este.

Após a chegada do grupo de Jardim, com grande ruído de tambores e pífaros, todos tocando ao mesmo tempo, além do vozerio do povo na praça, realizou-se a cerimônia de coroação. Quase tão simples como a que Henry Koster assistiu no Recife, em 1811. Não houve proclamação especial e nem presença de sacerdote. Apenas uma certa demora para que fosse colocada a coroa de papelão dourado na cabeça do Rei e da Rainha. Por ser, aliás, a coroa maior do que a cabeça dos pretendentes, foi necessário colocar um calço, com lenços...

Seguiu-se o desfile dos grupos, tocando e dançando à rua, tendo à frente o cortejo real, o Rei Perpétuo e demais dignitários. Todos se dirigiam à casa do tesoureiro, de onde saíram em procissão com uma antiga imagem de N. S. do Rosário. A peça, de madeira, de meio metro de altura, é expressiva, de vistoso planejamento, à maneira das imagens barrocas portuguesas. Dizia-se que a imagem tem mais de cem anos.

Durante a procissão, os grupos tocavam, ao mesmo tempo, seus pífaros e caixas. Depois de percorrer várias ruas, voltaram à casa do tesoureiro. À entrada, os pontões elevaram seus bastões em torno da porta, como que guardando a passagem da imagem. Houve vivas a N. S. do Rosário e foguetões.

Todos, depois, foram ver e beijar o rosário de ouro da santa primitiva, guardada pelo tesoureiro. Também nos pareceu peça típica da ourivesaria portuguesa. Informaram-nos que o rosário custara trezentos mil réis, naqueles tempos.

Procissão de encerramento

No dia seguinte, 1.º de janeiro de 1964, houve confissão e missa para os integrantes dos vários grupos de negros. Às 16 horas, saiu da igreja matriz a segunda procissão com acompanhamento dos grupos, outras irmandades e grande número de fiéis. Além do andor de N. S. do Rosário (imagem nova, talvez de gesso, tamanho maior), via-se um andor de São Sebastião.

Ao lado da banda de música local, estavam os mesmos pífaros e caixas dos negros. Vez por outra, alternavam os beneditos católicos com as músicas dos pretos. Todos marchavam com grande respeito, sem danças e sem chapéus. No mesmo dia, à tarde, um dos irmãos do Rosário saiu às ruas pedindo esmolas para a festa, devidamente paramentado. Os vários grupos foram recebidos nas melhores casas da sociedade local, quando todos beberam e comeram à larga, aqui e ali tocando seus pífaros e dançando.

Em síntese, esta é a festa religiosa e profana dos pretos da Irmandade de N. S. do Rosário, em Jardim do Seridó. Todos no município, inclusive autoridades, prestigiam e auxiliam os preparativos da festa dos *negros do terço* (como às vezes chamam), independentemente de pertencerem ou não à confraria. Aceitam as festividades como uma tradição da terra, que remonta à escravidão. Naquele ano de 1964, segundo nos informou o tesoureiro Severino Elias Barca, a festa do Rosário de Jardim completou o seu primeiro centenário de funcionamento.

Conclusões

Algumas conclusões podem agora ser esboçadas, para maior compreensão em torno da importância histórica e antropológica das confrarias de N. S. do Rosário e suas sobrevivências.

I — Vindo de outras terras, trazendo seus próprios cultos fetichistas, os imigrantes negros fundaram essas confrarias mais como posição de resistência e defesa contra a prepotência dos opressores brancos do que por pura religiosidade. Unidos em organização permitida pelos seus senhores, eles poderiam lutar pelas suas reivindicações libertárias, ajudando-se uns aos outros. A proibição da presença de bancos na “mesa diretora” é bastante sintomática. Recorde-se que até a presença do vigário nas eleições não se queria permitir, na organização dos estatutos da confraria do Caicó, em 1773. Há apenas uma exceção para o cargo de tesoureiro da irmandade. O tesoureiro deveria ter trânsito livre entre brancos e negros, para conseguir dinheiro.

II — Só através do fenômeno de sincretismo se pode aceitar a devoção de N. S. do Rosário e outros santos pelos negros escravos. Nos contatos de povos, muitos aspectos são passíveis de mudança. Talvez o mais difícil seja o que diz respeito às crenças religiosas. O ilustre etnólogo português Jorge Dias, no seu compêndio *Antropologia Cultural*, declara textualmente: “De fato, a religião e certos ideais de vida são aquilo que um povo tem de mais sagrado, e só em circunstâncias especiais é capaz de os abandonar por outros”. Conceito que coincide com as palavras do sociólogo norte-americano Robert N. Bellah, ao escrever: “As coisas sagradas são, por definição, profundamente íntimas, altamente reverenciadas e cuidadosamente respeitadas por aqueles que as consideram sagradas”.

III — A coroação de reis e rainhas, como acentua Arthur Ramos, não é uma solenidade isolada. Ela está intimamente ligada às cerimônias das irmandades de N. S. do Rosário e outras semelhantes.

IV — Autos populares, cortejos processionais e danças de negros, como os Congos, Cucumbis, Taieiras, Reisados, Maracatus, inclusive certos ranchos carnavalescos, são todos sobrevivências dessas festividades que surgiram nas confrarias e coroação de reis negros. Esclareça-se, portanto, que são muito mais sobrevivências religiosas do que profanas. Sua presença, hoje, nas comemorações de São João, ciclo do Natal e durante o carnaval, só se justifica através do sincretismo, adaptando-se às festas de procedência lusitana. Como assinalou Arthur Ramos, com relação aos Maracatus, “os negros se aproveitavam do carnaval, iludiam a perspicácia dos brancos opressores e festejavam os seus reis, as suas instituições, a sua religião”.

THE BROTHERHOODS OF OUR LADY OF ROSARY AS A COUNTER-ACCULTURATIVE REACTION OF THE NEGROES IN BRAZIL

The thesis maintained on this essay is that the religious brotherhoods belonging to the colored population changed, in the Brazilian history, into supports of one of the most important resistance positions of the Negroes toward slavery.

Among these brotherhoods, the most important was the one of Our Lady of Rosary, a religious invocation considered by the Author as a transposition of African deities.

This point of view is maintained through the study of some of the most important brotherhoods of the kind and the Author presents a series of survivals of feasts and rites created in the brotherhoods, which are representative, nowadays, of the folklore of the country.

What had been in the past a cult to the deities, kings and black institutions stand as documents of the counter-acculturative action.

LES CONFRÉRIES DE NOTRE-DAME DU ROSAIRE COMME RÉACTION CONTRE-ACCULTURATIVE DES NOIRS AU BRÉSIL

La thèse soutenue dans cet essai est celle d'après laquelle les confréries religieuses primitives de la population de couleur

se sont transformées, dans l'histoire brésilienne, en soutien d'une des plus importantes positions de résistance des nègres à l'esclavage. Parmi ces confréries, celle de la plus haute importance a été celle de Notre-Dome du Rosarie, une invocation religieuse considérée par l'Auteur comme un renversement de divinités africaines.

Ayant défendu ce point de vue à travers l'étude de quelques unes parmi les plus importantes confréries de ce genre, l'Auteur rapporte une suite de survies de festivités et de cérémonies créés aux conféries et qui sont aujourd'hui représentatives du folklore dans le Pays.

Ce qui avait été dans le passé un culte aux divinités, aux rois et aux institutions noires restent tels que des documents de l'action contre-acculturative.

BIBLIOGRAFIA

- RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos — Civilização Brasileira — Rio. 1935.
- RAMOS, Artur. O Folk-lore Negro do Brasil — Civilização Brasileira S. A. — Rio. 1935.
- RAMOS, Artur. A Aculturação Negra no Brasil — Col. Brasiliana — Vol. 224 — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo. 1942.
- DANTAS, J. Adelino. Homens e Fatos do Seridó Antigo — Graf. de "O Monitor" — Garanhuns — Pernambuco. 1961.
- ARAÚJO, A. Maynard. Poranduba Paulista — Esc. Soc. e Pol. de S. Paulo — Tomo I — S. Paulo. 1957.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal — Ed. da Prefeitura Municipal de Natal — Natal. 1947.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala — J. Olympio — Rio. 1964.
- GUIMARÃES, Ruth. Festa de Preto — Revista do Globo — Porto Alegre. s/d.
- KOSTER, Henry. Viagem ao Nordeste do Brasil — Ed. Nacional — Brasiliana, S. Paulo. 1942.
- LAMARTINE, Juvenal. Velhos Costumes do Meu Sertão — Fund. José Augusto — Natal. 1965.
- DIAS, Jorge. Antropologia Cultural — Ed. da Associação Acadêmica de I.S.C.S.P.U. — Lisboa. 1966.
- BELLAH, Robert N. A Sociologia da Religião — in A Sociologia Americana — Perspectivas, Problemas, Métodos — Talcott Persons — Cultrix — Rio de Janeiro. 1970.
- MELLO, Veríssimo de. Festa de N. S. do Rosário dos Pretos em Jardim do Seridó — in "Arquivos do I. A. — Vol. 1 — N.º 1 — Natal. 1964.